



## NOTÍCIA HISTÓRICA DA ILHA DE JOANES OU MARAJÓ<sup>1</sup>

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor:

**T**rabalhar com sucesso no exame das produções que há e podem haver na Ilha Grande de Joanes, por outro nome o Marajó, escrever de cada uma delas uma história circunstanciada e tão circunstanciada como merecem as suas propriedades, os seus usos, as suas aplicações, em todas elas rastejar quanto podem a razão e os sentidos corporais mistérios infinitos, tanta obra em tão pouco tempo é um projeto vasto para os talentos vastos. Digno pela sua vastidão dos altos desígnios de V. Excia., mas, por isso mesmo, superior ao meu talento, que V. Excia. bem sabe [a]té onde chega. Se o cumprir, porém, com o que devo, Sr. Exmo., consiste em fazer o que posso, direi a V. Excia. que, obedecendo às ordens do Ilmo. e Exmo. Sr. Martinho de Souza e Albuquerque, pelas 11 horas da noute do dia 7 de novembro embarcamos desta cidade do Pará para a vila de Monforte. Dias antes, me havia participado o mesmo Senhor General que, devendo nós, para abono das nossas diligências, remeter logo na charrua as produções que coubessem na brevidade do tempo, em nenhuma outra parte as acharíamos tão prontas como na Ilha Grande de Joanes, para onde nos acompanhava o seu inspetor geral Florentino da Silveira Frade. Se, com muito gosto, assim o mandou o Senhor General, com igual gosto, lhe obedecemos. A estação para a viagem era a mais própria, estavam prevenidos os mantimentos, transportava-nos a canoa própria do doutor<sup>2</sup> ouvidor geral. Se alguma cousa faltava, era só, da nossa parte, algum descanso mais da viagem do mar que acabávamos de fazer. Prevaleceu, porém, em todos, o gosto de obedecer a V. Excia. na pessoa do Senhor General. Com vento de servir e maré vazante, apenas largamos do porto da cidade, deixamos à direita da parte do continente a vila de Pé na Cova,<sup>3</sup> que distará cousa de meia légua. Seguiu-se a fazenda de Val de Cães, onde possuem os religiosos das Mercês um engenho de descascar arroz, olaria, fornos de cal, arrozais, roças de maniba e outras lavouras, como café, cacau etc. Passamos imediatamente a barra, depois da qual se avistam a olaria e roças do capitão Antônio de Carvalho. Fica este sítio dentro em uma enseada e também distará da barra cousa de meia légua. A outra distância semelhante, deixamos a fazenda do Livramento, que pertence aos religiosos do Carmo e, nela conservam uma boa olaria. Passada outra meia légua, na ponta da enseada a que chamam a Ponta do Mel, fica a fazenda do Pinheiro, que tem boas casas e boas roças e também pertence aos religiosos do Carmo. Até aqui terra firme do continente em que está a cidade. Segue-se então, costa abaixo e mesmo à direita, a ilha de Caratutuba, onde possui Lázaro Fernandes Borges o seu sítio, que consta de roças e boas casas, em pouca distância do Pinheiro. Tal foi a nossa navegação por

<sup>1</sup> Esse documento parece ser o texto final, de que são rascunhos ou primeiras anotações os que se encontram no códice 21,2,2,16 e 21,2,2,17. Não se sabe do original desta versão.

<sup>2</sup> Esta palavra “doutor” só ocorre no códice 21,1,1,32/BN, que passará a ser referido com a letra A, que foi tomado como o texto base para esta leitura, enquanto o códice 21,2,37/BN será referido como B.

<sup>3</sup> B: “Pena Cova” por “Pé na Cova”.



esta noite, enquanto não repontou a maré. Como, porém, não tardou muito, havendo conseguido, os 19 remeiros que levávamos, porem-nos na baía de Santo Antônio pelas 4 horas da madrugada do dia sábado, tomamos terra na ponta da ilha do Mosqueiro, ao norte da baía de Santo Antônio. Aqui nos demoramos até a praia, saltando<sup>4</sup> a terra para, no entanto, reconhecermos as produções mais óbvias.

Constam as suas praias de seixos compostos de are[i]a miúda e saibro. O costado<sup>5</sup> é tinto de ocre de ferro roxa e avermelhada; por entre a are[i]a e debaixo dela, infinitas covas de grandes e pequenas formigas, com tanto artifício solapadas e dispostas, que representam outros tantos labirintos subterrâneos. O mato da borda da ilha e do sertão, muito espesso; as árvores que acompanham, quase todas sem flor, algumas com os frutos que recolhi. O mar inçado de peixes, as pedras carcomidas das neritas,<sup>6</sup> estas sobrepostas em outras pedras, que visivelmente mostram o ferro que as mineraliza, tudo tão curioso que com algum desgosto largamos da ilha pelas 11 horas do dia, por devermos, sem perda de tempo, lançar mão da maré. Assim, continuamos a costeá-la [a]té uma ponta que toma o seu nome, donde largamos a vela, aprofando a Monforte, para onde queríamos atravessar, porque já passava de meio dia.

Teríamos, com efeito, atravessado já uma légua de baía, quando nos saltou o vento à proa, tão rijo e pertinaz que, para escaparmos às câmeras do mar dentro na canoa, resolvemo-nos a arribar para a mesma ilha do Mosqueiro, que havíamos deixado. Aportamos pelas três horas da tarde, no sítio do capitão José Joaquim Henriques de Lima e nele desembarcamos. As plantas que observamos eram as mesmas que, de manhã, se haviam visto; as pedras, cada vez mais carregadas de ferro e, havendo-se nestas averiguações consumido a tarde, pelas ave-marias nos recolhemos à canoa, onde dormitamos<sup>7</sup> um pouco, à espera da vazante para com ela largarmos, como largamos, aos três quartos para uma hora da noite.

Eram por este tempo, em conseqüência da lua, as cabeças de águas, como aqui chamam os práticos. Ventava de terra um vento fresco, estavam bem fundadas as esperanças de felizmente atravessarmos a baía; esperanças então que em pouco menos de uma hora todas se trocaram em sustos no meio de perigos que até aos mesmos práticos aterrorizavam. Tinha a canoa uma proa tão baixa que cada cancrá<sup>8</sup> o sossobrava; de minuto em minuto, fez-se<sup>9</sup> tão rijo o vento, com trovoadas secas, que mal o podiam sofrer as velas. Mais de três vezes, adormeceu de todo a embarcação, que pela furiosa impressão do vento sobre as velas era arrancada das ondas. Rompeu-se, finalmente, uma delas; e eu cuidei que umas das minhas maiores felicidades é a de haver escapado das nove correntezas que nesta baía atravessamos.

Tais são, por sua ordem, atravessando do Mosqueiro para Monforte: 1<sup>a</sup> a correnteza da cidade; a 2<sup>a</sup> de Carnapijó, que há uma ilha por detrás da ilha das Onças, fronteira à mesma cidade; a 3<sup>a</sup> de Tatamoeua; 4<sup>a</sup> dos Tocantins; a 5<sup>a</sup> de Arari, que já é rio da Ilha Grande, a cuja correnteza se ajunta a do outro rio da mesma ilha, Marajó-guaçu; a 6<sup>a</sup> a da Tirica, que é no meio da travessia; a 7<sup>a</sup> a da Coroa Grande, que nasce fronteira ao rio Jaburuacá,<sup>10</sup> acima da vila de Monsarás; a 8<sup>a</sup> a de Monsarás, digo, a de Camará, rio que também fica acima de Monsarás; 9<sup>a</sup> a do Saravajá, que principia em uma ponta de terra acima da vila de Monforte, distância de 1/4 de légua. Na tal vila de Monforte aportamos pelas 4 horas e 1/4 da madrugada e desembarcamos pelas 6 e 1/2 do dia domingo. Do que sabemos por experiência própria e do que afirmam todos por tradição seguida de pais a filhos a tempo imemorial, concludo que

<sup>4</sup> Entenda-se “preamar”.

<sup>5</sup> A: ‘cós todo’, que deve ser um erro, por “costado”.

<sup>6</sup> “Neritas” é um termo genérico para indicar moluscos marinhos e mariscos.

<sup>7</sup> B: “dormimos” e A “dormitamos”.

<sup>8</sup> “Cancra” é uma chuva forte, pouco demorada e violenta.

<sup>9</sup> B parece registrar “fosse” por “fez-se”.

<sup>10</sup> O nome do rio é “Jaburuoca”, mas A registra “Jaburuacá” e B registra “Jaburuacu”.



é realmente perigosa a travessia do Pará para a Ilha Grande de Joanes. Não obstante, ainda mais perigosa a fazem as precipitações das viagens que a cada passo se empreendem sem pesarem-se com madureza as circunstâncias da estação em que se viaja, de canoas que atravessam e dos práticos que as dirigem; por[que] de fato uma cousa é o tempo de melhor estar-se no Marajó e outra o de atravessar-se a sua baía, para lá estar-se comodamente, poder-se averiguar a ilha, tanto pelos rios e beiradas, como pelo sertão; e sem dúvida que o verão é melhor do que o inverno, pela ação do sol sobre as águas, e falta destas ficam enxutos os alagadiços, quero dizer, a maior parte da sobredita ilha. Os mesmos rios, como não engrossam com as chuvas as suas correntes, correm mais plácidos, o céu é mais favorável aos habitantes e dissipam-se<sup>11</sup> mais prontamente as umidades; a força, porém, dos ventos sobre a costa, a sua inconstância e violência com que revolve os mares e as correntezas indicadas constantemente se observam no verão, no mesmo tempo que de inverno são ordinárias as calada[s],<sup>12</sup> e só a remos se empreenderá e com facilidade se conseguirão viagens; mas que outro remédio têm senão atravessá-las em todo o tempo as canoas que transportam o gado para os açougues da cidade? Eis aqui a necessidade, que sempre foi a mestra da indústria, também neste país feita mestra da navegação. Observam que os ventos reinantes na costa da ilha que demandam são nordestes,<sup>13</sup> lestes, les-nordestes, previnem o tempo das águas-vivas mais e menos, segundo a quadra do ano; obrigam-se ao meno[r] anúncio do céu nesta ou aquela enseada; ali esperam a maré que desejam e, praticada em tudo a prudência náutica, diariamente, em idas e voltas, atravessam para a ilha que passo a considerar como naturalista.

E considerando logo a latitude em que demora segundo o mapa do Estado que me foi dado e aumento do ponto que dele<sup>14</sup> deu na cópia, deve estar situada a Ilha Grande de Joanes na latitude de 1° da linha ao centro. Mas será esta, com efeito, a sua verdadeira latitude? Eis aqui o que eu não abono, depois de haver observado sobre o dito mapa que, ou ele em muitas partes foi trocado por uma simples informação ou, a ter havido como devia, a inspecção ocular, então observou-se uma, e sobre a carta desenhou-se outra cousa. Ou com carta ou sem ela, a respeito da circunferência da ilha, tudo [a]té agora são estimativas dos habitantes. O que é de certo, nesta parte, é o tempo que [gastou] em a rodear o inspetor Florentino da Silveira Frade, no 1° de maio de 1756. Saiu do igarapé Pucá, rio acima, e, navegando em roda da ilha, mas sempre encostado a ela, quando então entrou pelo Arari, donde sai o igarapé Pucá, que foi o ponto da sua volta, contava<sup>15</sup> já 29 dias de viagem. Navegava, portanto, em uma canoa ligeira, esquipada com 4 remos por banda, que nunca se demorou em parte alguma tempo considerável; antes, nas situações da costa em que era precisa a enchente para seguir viagem, contanto que ventasse, prosseguia adiante, fosse embora a vazante ou não, tanto foi o tempo que gastou em rodear; digo rodear porque, além desta primeira viagem, empreendeu o mesmo comandante a segunda no projeto de a atravessar por terra, de costa a costa, que pôs em ação em 21 de novembro do mesmo ano. Partiu do Mauá para o Arari e gastou um dia; atravessou o Arari para a fazenda de São Luís, então retiro dos jesuítas, e gastou outro; daqui às cabeceiras do Mucoã, 3° dia sem descansar; do Mucoã ao Pacoval de Santa Cruz, nome que a esta ilha pôs o comandante pela achar cheia de pacovais, 4° dia; neste pacoval,<sup>16</sup> observou de caminho as cabeceiras de uns poucos de rios: o Cururu, o Mucuo, o Guarapixi, o Camarão-tuba e outros, com a diferença que o Camarão-tuba e Guarapixi já são rios que correm da contracosta<sup>17</sup> para dentro do pacoval [a]té à beirada do Camarão-tuba, o 5° dia também sem descansar.

<sup>11</sup> B: “habitandos e dissipa-se” por “habitantes e dissipam-se”. Observe-se que A tem uma rasura na última sílaba de “habitantes”, o que originou a variante B.

<sup>12</sup> “Calada” é um brasileirismo da Bahia que significa calmaria que prenuncia temporal próximo.

<sup>13</sup> B acrescenta aqui a aditiva “e”.

<sup>14</sup> B: “se-lhe” por “dele”.

<sup>15</sup> B: “andava” por “contava”.

<sup>16</sup> “pacoval” é bananal, assim como “pacova” é banana.

<sup>17</sup> No Marajó, “contracosta” significa o litoral norte da ilha de Marajó.



Marchava, portanto, montado em muito bons cavalos que, no passo que levavam, expediriam légua por hora sem no espaço de 5 dias demorar-se nem sequer para comer; porque desde manhã e de noute é que se refaziam, e suposto que para romper do Pacoval de Santa Cruz para diante se demorasse três dias em fazer queimar capinais que impediam a passagem, estes três dias não os incluiu no número de todos os que efetivamente gastou, porque foram oito e o comandante, para a sua estimativa de distância só pondera os 5 de caminho efetivo. Ora, já é sabido que do Arari para baixo até a ponta do Maguari, cada vez mais se estreita a ilha assim como da boca do Arari costa acima mais se alarga. E a travessia que fez não foi pela parte mais larga que tem a Ilha de Joanes. Chama-se Ilha de Joanes porque, havendo sido povoada de diversas nações de índios, como foram os aroans, mucoans, ingaíbas, mariapans e cariponás, entre estes a povoaou também a nação iuioanas. Eis aqui o nome que depois, com o tempo, se reduziu ao que hoje tem de Joanes, como se disséssemos Ilha de Iuioanas.

Tal é a informação que dá sobre diversas perguntas minhas o sacaca Severino dos Santos, sargento-mor da ordenança dos índios da vila de Monforte. É um índio, pelo que dele alcancei, suficientemente versado nas cousas do país, civilizado já pelo menos com a civilidade de haver aprendido a ler e escrever. Fala expeditamente a língua portuguesa, que entende como os nacionais. Conta de idade 70 e tantos anos e, portanto, nenhum escrúpulo faço em subscrever as suas informações.

Como eu disse acima, que esta era a informação do sacaca Severino dos Santos, para não deixar suspensos os juízos sobre a palavra sacaca, devo advertir desde agora que sacaca se ficou chamando a nação iuioana depois do caso seguinte. Trabalhavam na fortaleza da Barra da Cidade, não só os iuioanas, mas com eles outras nações. Presidia ao trabalho dos primeiros certo espírito muito ativo que, dentre eles havia sido escolhido para feitor. E, como a palavra que, pela sua gíria, pronunciava para animar os seus era necessariamente *sacacon*, que vale o mesmo que “aviar com o trabalho”, as outras nações que a ouviam sem aperceberem, porque era gíria para ser entendida dos iuioanas, entravam a chamá-los *sacacas*, e sacacas ficaram [a]té o dia de hoje.

Habitaram sempre os sacacas de hoje (que então eram iuioanas), continua o sargento-mor, pelos centros da ilha, nos lugares que hoje chamam Laranjeiras, Figueiras, Três Irmãos, Curuxis e por outras ilhas mais, que ainda existem no meio dos campos em cabeceiras dos rios ou junto aos lagos, enquanto os não obrigou a perseguição dos aroans, seus inimigos, e juntamente a dos topinambás, a descerem deles para a costa em que ao presente se acha a vila de Monforte. Pela nação caripuná, que eram de parte a parte camaradas, foram informados os iuioanas<sup>18</sup> que na parte em que ao presente está a cidade do Pará, se achava gente branca valerosa pelas suas armas e que fazia timbre de os proteger. Continuavam as violências dos aroans, a fama do valor português os animava, o interesse do seu sossego e segurança veio a acabar com eles que<sup>19</sup> atravessassem a baía. Atravessaram-na, com efeito, para o lugar da cidade, e, tendo logo a fortuna de nela encontrarem um parente seu que, em rapaz havia sido cativado pelos topinambás nos campos da ilha, batizado depois com o nome de João e, por alcunha, o Sapatu, deste se serviram como seu intérprete para pôr na presença do capitão-mor que então governava o Pará, a representação seguinte:

Que as violências dos aroans os consternavam de modo que nenhum outro recurso lhes deixavam para a vida e liberdade mais que o que ousavam tomar de se abrigarem debaixo das armas portuguesas, de cujo valor e sucessos militares estavam bem informados. Que de boa mente se sujeitavam ao domínio d'El-Rei de Portugal,<sup>20</sup> protestando serem seus leais vassallos, se o capitão-mor os auxiliasse com soldados e oficiais que os ajudassem a vencer na guerra os aroans.

<sup>18</sup> B acrescenta aqui a preposição “em”.

<sup>19</sup> A expressão “com eles que” equivale a “com que eles”.

<sup>20</sup> B acrescenta aqui a aditiva e.



Foi aceita a sua fala e o sinal menos equivocado que levaram da sua boa aceitação foi o destacamento de soldados comandados por um capitão e mais oficiais, debaixo de cuja proteção se retiraram para a ilha e se apresentaram na aldeia que presentemente é a vila de Monforte.

Ignorantes como estavam os aroans do reforço dos iuioanas, não tardaram em os assaltar. Incorporados com os soldados, saem-lhes ao encontro os iuioanas, baralham-se no conflito uns e outros. Os aroans, que querem escapar da morte, fogem para a praia do rio de água doce, distante da aldeia meia légua, costa abaixo; aqui são mortos os mesmos que fugiram. O que fica na praia<sup>21</sup> são cadáveres. Apenas salvam as vidas os poucos que guardavam as canoas em que tinham vindo os aroans.

Estavam as tais canoas no rio Jovim, onde se tinha feito o desembarque. Daqui fugiram tão intimidados do que viram os aroans que as vigiavam, e tais notícias levaram aos poucos que as esperavam, que jamais intentaram outro combate. Tal foi o termo das violências que faziam os aroans da contracosta da ilha aos iuioanas, já há muito tempo retirados para a aldeia da costa fronteira. Conservou-se o destacamento de soldados até o tempo do Senhor Capitão-General Manoel Bernardo de Melo e Castro, em que ainda se nomeava o comandante da fronteira de Joanes, e foi o último nomeado Matias Paes de Albuquerque, que também era oficial maior da Secretaria do Estado do Pará. O mesmo Senhor Capitão-General mandou recolher a última peça de artilharia que lá existia em um reduto de que apenas se percebem as ruínas.

(En)quanto aos sucessos das nações na aldeia de Joanes, ficaram os iuioanas, por outro nome sacacas. Os seus inimigos aroans repartiram-se por várias aldeias, como eram a de Najatuba, na contracosta, hoje vila de Chaves; a aldeia da Conceição, hoje vila de Salvaterra; a aldeia de São José, hoje lugar de Mondim, todas da administração que foi dos capuchos. Os ingaibas ainda existem nas duas vilas de Conde e de Beja, algum dia aldeias de Sumaúma e Murtigura, ambas da administração que foi dos jesuítas. Dos mocoans, mariapans e caripunás, por acaso existem alguns dos seus descendentes...

Até aqui a informação do sargento-mor pelo que respeita às antiguidades da ilha.

Eu a considero, no tocante a sua extensão, fertilidade e produções, rios, situações como o embrião, pelo menos, de uma vasta província. Corria o ano de 1757, quando ordenou o Senhor Capitão-General Francisco Xavier de Mendonça Furtado que para a Ilha Grande de Joanes partissem o ouvidor Pascoal de Abranches Madeira, o juiz de fora Feliciano Ramos Nobre Mourão e o inspetor geral que é da dita ilha, Florentino da Silveira Frade, para na ilha executarem as reais ordens de Sua Majestade, que mandava abolir o governo temporal e espiritual<sup>22</sup> que tinham os missionários de Santo Antônio e São Boaventura nas aldeias chamadas missões, da sobredita ilha. Havia, no ano de 1756, descoberto o inspetor a contracosta do norte, por ordem que para isso teve do mesmo Senhor Capitão-General, como também atravessado o centro, depois de haver descoberto, no ano de 1754, o Camotim. Havia sido esta ilha da Baronía da Casa de Mesquitela no dia de hoje pertencendo-lhe *de jure e herdade*, e pondo nela como de alguns documentos consta<sup>23</sup> o barão Luís de Souza de Macedo de Aragão Vidal, tanto ouvidor como as outras justiças, nomeado capitão-mor, ajudante, sargento-mor e criando a muitos desses capitães-mores seus lugartenentes;<sup>24</sup> até nomeava o barão um juiz das demarcações, a quem pertencia demarcar as terras que em nome do barão dava o capitão-mor e o barão depois as confirmava. Havia Sua Majestade, em consequência das representações do seu capitão-general resolvido que era conveniente ao seu serviço entrar na propriedade da ilha, dando em seu lugar o viscondado de Mesquitela e, parece que, segundo ouvi, três mil cruzados mais, ficando Sua Majestade com o pleno domínio das suas terras.

<sup>21</sup> B: “nas praias” por “na praia”.

<sup>22</sup> B omite “e espiritual”.

<sup>23</sup> B: “conta” por “consta”.

<sup>24</sup> Hoje se diria “lugares-tenente”.



Haviam, finalmente, administrado em um e outro foro as povoações os mencionados missionários, cuja administração é que mandava Sua Majestade abolir pelo alvará com força de lei de 7 de junho de 1755.

Pôs-se em execução o alvará, nomearam-se as justiças para o governo temporal, na forma da lei que regula as criações das povoações; ficaram incumbidos do espiritual os mesmos missionários, sujeitos, porém, ao Exmo. Bispo, D. Fr. Miguel de Bulhões, que lhes passou as provisões de vigários e, desde esta época, verdadeiramente grande para as cousas do Marajó, tudo levou àquela revolução que necessitava. De aldeias, passaram a vilas as povoações que mais o mereciam. Os mesmos nomes foram mudados e, por estes substituídos outros que ditou o Exmo. General.

A aldeia de Joanes da administração dos padres de Santo Antônio, passou a vila de Monforte; a aldeia de Caiá, da administração dos padres de São Boaventura, passou a vila de Monsarás; a da Conceição, dos mesmos padres, tomou o nome de vila de Salvaterra; a do Menino Jesus, dos padres de Santo Antônio, o de vila de Soure; a de São José, dos mesmos padres, o de lugar de Mondim; a aldeia da Doutrina, no rio Maruacá, que era da administração dos padres de São Boaventura, o de lugar de Condeixa; a aldeia dos Guaianases, dos mesmos padres, o de lugar de Vilar; a aldeia das Mangabeiras, também dos mesmos padres, o de lugar de Ponta de Pedra.

Até aqui as povoações sobre a costa fronteira ao canal da cidade e dentro nos rios que desembocam nessa costa, a saber:

Correndo costa abaixo e sobre ela as duas vilas de Monsarás e Monforte. Ao pé de Monsarás, dentro do rio Maruacá, rio acima, e para a esquerda dele, o lugar de Condeixa; abaixo da vila de Monforte cousa de 3 léguas, entrando pelo rio Paracauari ou igarapé Grande, para a esquerda do rio, a vila de Salvaterra; defronte de Salvaterra, à direita, o lugar de Mondim; e deste mesmo lado, à distância de 1/4 de légua, a vila de Soure, costa acima, de Monsarás para diante e pouco distante do rio Arari, está o primeiro lugar de Vilar e, deste à distância de meia légua, o outro de Ponta de Pedra. E pouco mais adiante de um quarto de légua, o rio Marajó-guaçu, tudo roças de uns e fazendas de gado de outros.

Na contracosta, a aldeia de Najatuba, da administração dos de Santo Antônio, passou a vila de Chaves; a outra aldeia que havia dentro do rio Cajuúna,<sup>25</sup> acima de Chaves, e pela esquerda do rio, chamada Santa Ana, passou a lugar de Parada; mas este lugar se juntou depois, haverá 24 anos, à vila de Chaves, sendo diretor desta vila o capitão Félix da Silva Cunha.

Se de todas estas povoações tirarmos a soma e a ela ajuntarmos o novo lugar que criou o Senhor Capitão-General José de Nápoles Telo de Menezes no rio Parauaru, da invocação de Santa Ana dos Breves, vir-se-á no conhecimento que são dez por todas as povoações da Ilha Grande: 5 vilas e 5 lugares, sem nelas, porém, se incluírem ainda as fazendas particulares dos que a cultivam em diversos campos e rios.

Uma cousa se não mudou no meio desta revolução geral que foi em cada povoação a invocação da igreja. Ficaram todas sendo as mesmas que tinham quando aldeias. Nossa Senhora do Rosário, a invocação da igreja de Monforte; São Francisco, a de Monsarás; Nossa Senhora da Conceição, a de Salvaterra; Menino Jesus, a de Soure; São José, a do lugar de Mondim; Nossa Senhora da Conceição, a do lugar de Condeixa; São Francisco, a do lugar de Vilar. Outra vez a Conceição, a do lugar de Ponta de Pedra e, na contracosta, São Francisco, a invocação da vila de Chaves; e, já que tenho entrado insensivelmente nas cousas do estado eclesiástico desta ilha, principiarei por ele, para ir descendo por sua ordem a todas as outras repartições, de cada uma das quais tocarei as notícias mais óbvias.

Não falando agora das missões que hoje são vilas e lugares, foi a primeira igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição sobre a cachoeira do rio Arari, que ainda existe. Corria o ano de 1747, quando veio para este sítio Florentino da Silveira Frade, mudando-se com toda a sua família da fazenda que possuía no rio Guamá para

<sup>25</sup> B: "Cajuana" por "Cajuúna".



estoutra que também tinha no rio Arari, como aqui não achou igreja nem sacerdote que nos dias de preceito celebrasse missa, resolveram-se, ele e seu sogro, André Fernandes Gavinho, então capitão-mor e depois lugar-tenente do barão, a pedirem ao Sr. D. Fr. Guilherme de São José a licença que precisavam para lhes poder dizer missa a ambas as famílias o sacerdote André Pinheiro de Carvalho, que eles haviam apalavrado a missa então em um altar portátil que, nos domingos e dias santos levantavam sobre a varanda das casas da residência do dito capitão-mor. Impetrada a licença, principiou a celebrar o sacerdote e, divulgada a notícia da missa certa no Arari, entrou<sup>26</sup> o povo a concorrer para a ouvir. Observaram este concurso os impetrantes da licença e, depois de ambos erigirem uma capela no lugar em que hoje está a igreja matriz, representaram aos moradores que, visto terem todos missa tão perto, sem os incômodos de viagens dilatadas, de razão deviam concorrer para a consagração de uma cônica com<sup>27</sup> que melhor subsistisse o sacerdote que se S. Excia. Revma. fosse servido acordar o seu beneplácito aí outras súplicas que intentavam, ficaria a capela sujeita aos curas da cidade respectivos onde<sup>28</sup> cada morador tivesse a sua residência que o sacerdote em virtude do despacho que, esperavam, ficaria obrigado a administrar os sacramentos e ele mesmo os desobrigaria da quaresma, enviando aos vigários respectivos da cidade, a relação dos que havia desobrigado para nas suas freguesias se darem por desobrigados. Visitou a capela o bispo, e o patrimônio que se fez para ela constou de 40 braças de terra em quadro e umas poucas de éguas e novilhas.

Assim estavam as cousas da capela Arari, quando o Sr. D. Fr. Miguel de Bulhões, sucessor do Sr. D. Fr. Guilherme a foi visitar. Eis aqui o prelado que a erigiu em freguesia de todos os moradores da Ilha de Joanes, excetuando os índios das povoações desse tempo. Deu parte a Sua Majestade, e Sua Majestade<sup>29</sup> não só foi servida de confirmar a nova freguesia, mas, enviando-lhe ornamentos, cálices,<sup>30</sup> castiçais, assinou ao vigário a cônica de 40.000 réis. Foi o primeiro vigário colado que teve, o Pe. Pedro Antônio Fernandes Gavinho, irmão que era do capitão-mor. Depois da sua morte, têm sido todos encomendados até o que existe presentemente, que é o Pe. Estanislau da Silv[eir]a Frade, irmão do comandante inspetor geral, um dos dous que acima disse que haviam erigido a capela. É uma capela ainda, pelo que respeita à grandeza do edifício, suficientemente paramentada do preciso,<sup>31</sup> tem só o altar-mor da capela-mor, e nela ouvimos missa dia da Conceição, a 8 de dezembro de 83, vindo de volta do Arari para a cidade do Pará. Já quando veio suceder ao Sr. D. Fr. Miguel o Sr. D. Fr. João de Queirós, achou abolidas as missões trocadas em vilas e lugares, as povoações que espiritual e temporalmente governavam os missionários, nomeado seu vigário em cada vila, o que tudo serviu de facilitar o despacho à nova petição dos moradores da ilha. Representavam a S. Excia. Revma. que, morando alguns mui distantes da cachoeira<sup>32</sup> onde estava a igreja matriz, com muito mais trabalho vinham a cumprir com os preceitos da missa, desobriga etc.; do que, se os deixasse S. Excia. Revma. alistar nas freguesias das vilas que estavam mais perto das suas fazendas, mandou S. Excia. que informasse o vigário e, não tendo achado circunstância que encontrasse a nova resolução, deferiu aos moradores como pediam, pagando eles os anuais aos respectivos vigários que os desobrigam. Além das igrejas matrizes que deixo especificadas,<sup>33</sup> tanto a das vilas e lugares como a de que acabo de tecer a história, conta esta ilha várias capelas que estão dispersas pelas fazendas dos particulares, principiando pelas que estão nos dous rios Arari e Marajó-guaçu. Logo na boca do Arari, à esquerda, está a capela de Santa Ana, no engenho dos religiosos das Mercês, que também têm olaria e roças. Aos mesmos padres

<sup>26</sup> B: “entra” por “entrou”.

<sup>27</sup> B: “para” por “com”.

<sup>28</sup> Parece que os dois códices estão errados: A: onte, B: “ante”.

<sup>29</sup> B omite “e Sua Majestade”.

<sup>30</sup> B acrescenta a aditiva “e”.

<sup>31</sup> B acrescenta a aditiva “e”.

<sup>32</sup> B: “colônia” por “cachoeira”.

<sup>33</sup> B: “explicadas” por “especificadas”.

pertence outra capela de Nossa Senhora das Mercês perto já do lago do rio Arari, [na] fazenda de gado vacuum e cavalariagem que ali possuem. Acima desta fazenda, à esquerda, a capela de Nossa Senhora dos Remédios, na fazenda que foi dos jesuítas, em<sup>34</sup> que contemplou Sua Majestade o mestre de campo José Miguel Aires, hoje de seu filho, o capitão Antônio Miguel Aires. No rio Marajó-Guaçu, rio acima, à esquerda, a capela de Nossa Senhora do Rosário, na fazenda algum dia dos jesuítas, em que foi contemplado o alferes Francisco da Costa Almeida e Sá, presentemente de sua mulher, Dona Ana Felícia de Guimarães, segunda vez casada com o capitão Bento de Oliveira. Costa acima da ilha, estão as capelas seguintes: a de Nossa Senhora das Mercês, no engenho e fazenda de arroz e algodões etc. do capitão Agostinho José Tenório; mais adiante, a de São Miguel, no engenho do mestre de campo Pedro Furtado de Mendonça, ambas filiais a Oeiras; mais adiante, no rio Parauaru, a da Senhora Santa Ana dos Breves, no novo lugar que erigiu o Senhor Capitão-General José de Nápoles. No rio Paracuari, abaixo de Monforte, a de Santo Antônio, na fazenda do capitão José Francisco Fernandes Gavinho, ambas filiais a Soure e ambas à esquerda, rio acima; da<sup>35</sup> direita, porém, a capela de São Lourenço, na outra fazenda dos religiosos das Mercês, no rio Camará, acima da vila de Monsarás. Me<sup>36</sup> esqueci de colocar [a] de Nossa Senhora da Assunção, na fazenda de gado dos religiosos do Carmo. Resulta, afinal, do que tenho arengado a tal respeito, que são na Ilha Grande, pelo que me lembro, 10 as igrejas matrizes; e, incluindo as freguesias das vilas e lugares e a da Conceição, 11 as capelas particulares que, enquanto o ensino da doutrina e administração dos sacramentos e os mais ofícios paroquiais, cumprem com o que devem os vigários atuais, suposto que, sendo eles como são, os únicos sacerdotes que há, cada um na sua igreja,<sup>37</sup> muitas vezes obrigados os de uma freguesia irem administrar os sacramentos a outra, logo que, ou adoce o vigário ou tem urgente necessidade de se retirar à cidade, que não obste este auxílio mútuo, alguns são dispensados por S. Excia. Revma. para, nos dias de preceito, celebrarem duas vezes, em ordem a não deixarem de ouvir missa os moradores que, em consequência deste trabalho, forcejam quanto podem os encomendados por serem rendidos talvez porque não é compensada a solidão em que vivem e o trabalho que têm com outra côngrua maior do que é, nas vilas, a de 80.000 réis; nos lugares, a de 60.000 réis e, na freguesia, a de 40.000 réis. Os capelães, então, nas suas capelas, exercitam a jurisdição de párcos, e nem há outro recurso.

Basta de Eclesiástico por agora, porque passo a considerar o civil.

Têm todas as vilas a sua câmara, a que são sujeitos os lugares. O de Mondim, por exemplo, à vila de Soure; os de Condeixa, Ponta de Pedra e Vilar, à de Monsarás. Cobra esta vila, além dos subsídios das águas ardentes, que são do rei, o novo imposto dos lambiques<sup>38</sup> de 6.000 réis cada ano, que pagam os 10 engenhos, a terça parte para El-Rei e o resto para as despesas da câmara. Presidem a cada uma das câmaras dous juizes: um branco e outro índio; às vezes, ambos brancos; três vereadores que são índios e brancos; um escrivão, sempre branco; um provedor que, na falta do branco, pode ser índio ladino; oficiais de justiça como: meirinho, alcaide, carcereiro, porteiro etc. Figura também entre estas personagens, o principal dos índios, que sempre é índio da família do próprio chefe da nação. A eles são dirigidas as portarias para índios. Ele deve resolver sobre elas, com o conselho do diretor, na forma do *Diretório que se deve observar na povoação dos índios do Pará e Maranhão, enquanto Sua Majestade não mandar o contrário*, confirmado pelo alvará da confirmação de 17 de agosto de 1758.<sup>39</sup>

<sup>34</sup> B omite esta preposição “em”.

<sup>35</sup> B: “à” por “da”. Na verdade, a regência de A está estranha.

<sup>36</sup> Uso de pronome oblíquo átono em início de frase.

<sup>37</sup> B omite “os únicos sacerdotes que há, cada um na sua igreja”.

<sup>38</sup> “Lambiques” ou alambiques são aparelhos próprios para realizar a destilação, constituídos por uma caldeira, onde se coloca a matéria-prima a ser destilada, uma tubulação, que conduz os vapores, e um condensador, no qual esses vapores passarão ao estado líquido por um processo de resfriamento.

<sup>39</sup> Este “Diretório”, de extrema importância em nossa história, tem sido diversas vezes publicado em dissertações, teses e outros trabalhos acadêmicos em diversas áreas de conhecimento.



Mas se da letra do alvará é que aos diretores não compete<sup>40</sup> por modo algum jurisdição coativa, por ser toda a que lhes confere Sua Majestade simplesmente diretiva, como prendem eles à sua voz, soltam, resolvem, determinam e o mesmo principal nada faz senão o que eles querem que façam? O fato é este: a escusa de fato é a ignorância que alegam no principal. As cousas falam por si. E eu, no entanto, deixo o estado civil para ponderar o militar.

Advirto, em outra parte, que no tempo dos barões, e sendo um deles Luís de Souza e Macedo, além das justiças que punha, nomeava também o capitão-mor, sargento-mor, ajudante e mais oficialidade para o comando da ordenança, que ainda não era fardado, antes para os alardos<sup>41</sup> marchava cada soldado como muito podia e lhe parecia. Neste pé se conservou a ordenança desde esse tempo, sem nesta parte mudarem coisa alguma os senhores capitães generais. O Sr. Francisco Xavier de Mendonça e Manoel Bernardo<sup>42</sup> de Melo, até que a tudo deu uma volta o Sr. Fernando da Costa; formou das ordenanças que havia uma companhia de cavalaria auxiliar de voluntários, criando logo o seu próprio capitão, que é no dia de hoje. Constava<sup>43</sup> a companhia de 100 homens, todos montados, vestidos e armados à sua custa, com fardamento de casaca parda, canhões e veste amarela, agaloadura de ouro nos oficiais.

Não se contentou com isto o Sr. João Pereira Caldas e, em vez de uma companhia, criou quatro, a saber: conservou a de cavalaria auxiliar, que achou feita, mas aboliu-lhe o título de voluntária; criou segunda companhia de infantaria, também auxiliar, e de ambas as companhias fez capitão ao comandante Florentino; reforçou estas duas companhias auxiliares a criação doutras duas de ordenança franca, com seus respectivos oficiais, com a diferença, porém, que as duas primeiras companhias de auxiliares, uma de cavalo e outra de pé, constam de 100 homens cada uma, incluídos os oficiais, e as outras duas de ordenança franca de 150 cada uma, de modo que a soma total da gente monta-se<sup>44</sup> a 500 homens, e todo o corpo, intitulado tropa ligeira auxiliar. Mandou-se desta feita o uniforme de umas e ordenou-se novo para as novas companhias, o que se ordenou à companhia de infantaria auxiliar foi casaca e calção pretos, veste, canhões e gola encarnadas, botins e cartucheiras nos soldados agaloados as casa[ca]s e golas dos oficiais de prata, da mesma prata é toda em roda agaloada a farda dos oficiais de cavalaria, cujos soldados, sim, têm as casacas e os calções pretos com golas e canhões encarnados, como a infantaria, mas a veste é branca, trazem suas bandoleiras, calção, botas leves;<sup>45</sup> e têm exercício<sup>46</sup> de dragões; não sentam praça nestas duas companhias senão brancos e mamelucos,<sup>47</sup> todos fardados e todos com armas. Frutificaram tanto em ambos os repetidos exercícios que se fizeram no tempo do Sr. João Pereira Caldas, que, no manejo, fogos e mais evoluções militares, puseram-se tão prontos, como a tropa regulada, de cuja observação o que se concluiu foi que em cada ano para o diante se fizessem quatro revistas gerais: a primeira na Páscoa, a segunda pelo Espírito Santo, a terceira em 21 de setembro e a última pelo Natal. Presentemente, com(o) o aumento da ilha cresceu a necessidade de capitães para as duas companhias, porque não podia assistir a ambas o capitão Florentino, por este motivo fez o Sr. José de Nápoles segundos capitães a cada um dos que conferiu o exercício do seu posto, ficando o capitão Florentino comandante do corpo. Está sempre municiado de pólvora e bala, perdigotos, pederneiras, de que tudo está entregue o<sup>48</sup> comandante e assim o arrecada no seu quartel de Monforte.

<sup>40</sup> B: “compele” por “compete”.

<sup>41</sup> “Alardos” são as revistas ou conferências minuciosas da gente de armas.

<sup>42</sup> Os dois códices erram, registrando “Bernardes” por “Bernardo”.

<sup>43</sup> B: “contava” por “constava”.

<sup>44</sup> B: “montasse” por “monta-se”.

<sup>45</sup> A pontuação na descrição dos uniformes não foi atualizada porque não se conseguiu uma interpretação segura dadas as diversas ambigüidades.

<sup>46</sup> B: “exercício” por “exercício”.

<sup>47</sup> “São filhos de branco e índia”. (Nota do manuscrito incorporada ao texto B).

<sup>48</sup> Seria esta uma forma sincopada de “ao”?



No tocante às outras duas companhias de ordenança franca, os oficiais somente é que vestem o mesmo uniforme que os da infantaria auxiliar. Por mais ordens que se tenham passado a respeito dos soldados, sempre aparecem como podem ou querem, já com armas, já com flechas os tapuias, pretos forros, mulatos, cafuzes,<sup>49</sup> caribocas<sup>50</sup> etc. Têm eles a obrigação de, em sendo chamados pelo seu comandante, aparecerem sempre com o seu remo, porque devem estar prontos para as diligências marítimas. Ora, além de todas estas quatro companhias, há nas vilas e lugares ordenanças de índios com seus oficiais de capitão para baixo, porque só em Monforte há o sargento-mor Severino, e ainda os mesmos postos estão por prover.

Pelo que respeita à defesa da ilha no caso abordada, eu não vejo outros meios, por ora, senão os que costuma praticar a guerra de estratagemas. Em toda a costa, nenhuma dificuldade encontra o desembarque, à exceção dos obstáculos que são comuns à nossa mesma navegação. Uma ou duas fortalezas que houvessem, com impedirem o passo em um ou dous lugares, não fecham, por isso, outros. A povoação da ilha, pela estimativa mais próxima e os últimos cálculos do comandante, não passará muito de 4870 almas por todas.

Examinarei agora se para crescer a povoação faltam na ilha rios que sirvam para os transportes dos seus gêneros; se há estes gêneros ou podem haver com facilidade; se não tem, enfim, dentro em si mesma tudo quanto é capaz de fertilizar um reino. Não entro no detalhe particular dos rios todos e igarapés grandes e pequenos porque só fito a vista nos que ou são ou se podem fazer mais navegáveis.

E posta esta prevenção, é sem dúvida que entre os muitos rios que a retalham, tem o primeiro lugar o Arari. Fica fronteiro à cidade do Pará e engrossa a sua corrente com as águas dos rios Moí-mirim, Tarumás, Salitre, Cururu, Tucunaré, São José e Anajás-mirim, todos à<sup>51</sup> esquerda, rio acima. À direita, logo, da sua entrada, deságuam nele o Gurupá, Martucu, Mauá, Goiapi, sem fazer caso de igarapés que deixo de contar. Seguem-se, costa abaixo, o rio Caracará, que recebe as águas dos outros dous rios: Aracaju e Auai, ambos à direita,<sup>52</sup> depois, o igarapé Pucá, que chamam o Mututi; mais o rio Urubucoara, que engrossa com o Mututi rio; mais o rio Guajará e outro Jaburucoara, que engrossa com as águas do Gurupatuba.

Continuam costa abaixo os rios Camará, que recebe pela esquerda, rio acima, os<sup>53</sup> outros rios Quió e Caraparó; pela direita o Maripá, Turauá e Jutubá e rio de São Miguel; depois do Camará, o Maruacá, o Guaruaí, aonde está Condeixa; o Xipocu, ao pé de Monsarás; o Jovim, abaixo de Monforte; o Paracauari,<sup>54</sup> que recebe, à esquerda, rio acima, Ju[zi]taratuba<sup>55</sup> e Carnaoca, e, pela direita, o Maratacá, abaixo do pesqueiro que está ao pé do igarapé, o Aí-tama, o rio Cajuípe, por outro nome Cajutuba, assim por diante o Camarupi, o Cambu, que tem uma boca larguíssima, ou Merituba e Jaraú, donde principia a ponta da coroa de areia chamada Maguari, e corre ao mar.

Semelhantemente, contracosta acima, aparece o rio Guaiapoauá, que já tem fazendas de gado e reparte um braço que é o chamado rio dos Aroans, para a parte do rio Ganhoão e o outro braço para a esquerda, em direitura do lago de Arari. Segue-se então o Ganhoão, o Cajutuba, o Guarapixi, o Camarão-tuba e o<sup>56</sup> furo de Cajuúna, que sai ao rio Anajás, donde se encaminha até à ponta do Paxauá. Recebe o rio Anajás os quatro rios que são: o Cururu, o Mucuo, ambos estes caudalosos, o Pecacoara e o Camotim. Nenhum como o Anajás anda mais nas

<sup>49</sup> “Cafuzes” ou cafuzos são filhos de negro e índia (ou vice-versa).

<sup>50</sup> “Caribocas” ou curibocas são mestiços de branco com índio.

<sup>51</sup> B: “de” por “à”.

<sup>52</sup> B acrescenta aqui uma aditiva “e”.

<sup>53</sup> B omite o artigo “os”.

<sup>54</sup> Parece que a versão de B é que está correta: “Paracauari”.

<sup>55</sup> A segunda sílaba está rasurada em A.

<sup>56</sup> B omite “o”.



meninas<sup>57</sup> dos olhos do comandante. É pelas boas terras que tem para cacaoais, cafezais, arrozais, tabacais; produz excelentes madeiras e, nele se puseram três fábricas para se tirar a precisa para a fortificação de Macapá; dentro dos seus matos há muito timbó-titica, timbó-guaçu e muita casca preciosa. Tem muitos porcos, veados, antas, onças, tigres e inumeráveis espécies das outras classes dos animais. Fica a sua foz defronte do Macapá, e para lá manda o gado preciso pelas muitas fazendas que dele tem. Desta foz, deixando, à direita, infinitas ilhas e rios, vem-se até o Parauaú, abaixo do sítio do capitão Prudente Menezes, quase junto ao Tajapurú,<sup>58</sup> caminho das canoas do sertão e dos que vão para o Macapá e aqui faz outra ponta a ilha de Joanes, voltando-se pelo rio Parauaú, está para baixo o Guajará e, deixando este, se vai pelo Mutuacá. Segue-se o Peria depois, costa abaixo, o Paracuúba adiante o rio Muaná, o Atua e, dentro neste, à direita, rio acima, Anaveju, com águas também do Tauá. Segue-se o igarapé grande Pariru, depois o rio Marajó-guaçu, que dá o nome a toda a ilha, e, afinal,<sup>59</sup> o igarapé Pucá, que, entrando por ele dentro, fura ao rio Arari; e depois que já estes montam acima de cinquenta e tantos rios sem haver incluído os igarapés, examinarei igualmente os lagos que forem mais óbvios sobre a carta da ilha que, a seu modo, traçou o comandante. À direita, logo, em se entrando pelo rio Arari, ficam os lagos de Mortucu, do rio Mauá, do Guaiapi e, além do lago Grande do Arari, segue-se para o centro outro, o Apeí; segue-se, à direita do lago Grande, o lago de Santa Luzia e, para a esquerda do mesmo, o de Santa Isabel; da banda do Guajará estão os lagos do rio Guaiapaúba ou rio das Tartarugas. O mesmo Guaiapaúba tem logo no braço que chamam rio dos Aroans, e no tempo de inverno se comunica com os lagos do Boto, Mucuo e Coruru e, por não complicar esta notícia com a outra das situações, bastará que respeitemos<sup>60</sup> os nomes dos lagos que têm os rios especificados, como são: o do rio Ganhoão, do Guaiapucá, os dos<sup>61</sup> Anajás, Taraíra e Cangá e Jacaretuba e do Camotim e do Maguari, Guicaúba e do Tucunaré<sup>62</sup> e do Paracuúba, do Atua, do Marajó-guaçu, do Jaburucaia,<sup>63</sup> do Quió e Caraparó, do Tarauá, que se comunica com o de Jovim, do Jotuúba<sup>64</sup> do Jovim e do Paracauari; e no centro do rio, os lagos grandes das Frecheiras,<sup>65</sup> Laranjeiras e Três Irmãos e Morotim-pecu e Jacarés e lago de<sup>66</sup> Carnaoca e do Cambu e outros; sendo<sup>67</sup> certo que, de todos estes, o do Arari e do Guajará são os mais consideráveis pela sua grandeza e continuação de água que, muitos outros, por pequenos, se não especificam, na relação dos lagos, como também pela falta de observação<sup>68</sup> total que, sem dúvida, os faria montar acim[a]<sup>69</sup> dos trinta e tantos já indicados. E, suposto que os rios, desde Paracauari, costa acima, até o Atua, à exceção de um ou dous, todos os mais tinham duas, três cachoeiras. Estas são tão baixas que, com a enchente, se passam. Nem do Paracauari, costa abaixo, até o Maguari e deste costa do Amazonas, voltando sobre a ilha a vir buscar o Atua, há mais cachoeira ou beirada de pedras,<sup>70</sup> porque desde o Pariru, costa abaixo, até ao igarapé Grande, abaixo de Monforte, é que se observam recifes de pedras avançadas ao mar, em conseqüência, de fertilidade que, às tais

<sup>57</sup> B: “na menina “por” nas meninas”.

<sup>58</sup> B corrige A, que registra “Pajapuro”.

<sup>59</sup> B corrige A, que registra “final” por “afinal”.

<sup>60</sup> B: “representemos” por “respeitemos”.

<sup>61</sup> B: “do” por “dos”. O determinante vinha no plural.

<sup>62</sup> B: “Tucanaré” por “Tucunaré”.

<sup>63</sup> B: “Jaburucaia” por “Jaburucaicá”. É provável que o correto seja “Jaburuoca”.

<sup>64</sup> B: “Jatuúba” por “Jotuúba”.

<sup>65</sup> B: “dos Frecheiros” por “das Frecheiras”.

<sup>66</sup> B: “do” por “de”.

<sup>67</sup> B: “tendo” por “sendo”.

<sup>68</sup> B corrige A, que registra “observão” por “observação”.

<sup>69</sup> A: “assim”; B: “a cim”.

<sup>70</sup> B acrescenta “e”.



terras comunicam estes rios, tudo produz. E de muito mais produções é capaz a Ilha Grande. Não quero dizer com isso que toda a planta em todo o lugar dela produzirá tão bem como em outro terreno que lhe for apropriado. As plantas são como os animais; têm suas pátrias, escreveu Virgílio. Nem toda a terra produz tudo. Fora do seu clima, as vemos definadas.<sup>71</sup> Os jardins da Europa, sem embargo disso, que infinidade de grammas para pastos, e das plantas geralmente que são aquáticas não produzem os alagadiços?! em que de inverno se torna o mais grosso da ilha. Do arroz, é fama constante que é mais graúdo e pesa mais que o das outras partes, porque, pesando o alqueire duas ou três partes em arroz inteiro de 28 até 30 arrate,<sup>72</sup> o da Ilha Grande, em igual medida, monta no peso até 40. É este um gênero que cultivam os lavradores e transportam para a cidade, mas não cultivam naquela abundância que deveria resultar de ser esta planta que, com preferência a outra se prefere nos alagadiços, nem possuem, no seu auge, a arte de com menos gente trabalhar muito. Parecem-me as suas lavouras ensaios de agricultura rústica, e acaso é que ainda assim, depois de confiada a semente em um alagadiço, que não tratam depois de ser devorada dos pássaros a maior parte, são no seu tanto copiosas as colheitas. O que então não falta depois das chuvas são os pastos para o gado. Foi esta uma observação tão constante e palpável às mãos destes cegos, que não poderão deixar aos convites da natureza que lhes insinuava a criação do gado. O primeiro que situou no rio Arari fazenda de gado foi Francisco Rodrigues Pereira; o lugar em que a situou foi logo à boca do rio, para a direita, no sítio que chamam Amanegetuba, defronte da fazenda de Santa Ana, dos religiosos das Mercês. Situou aqui porque receava entrar pelo centro, onde informava um seu compadre que havia gentio bravo e homens foragidos. Vendo, porém, que depois tanto melhores eram os pastos e tanto mais abundantes quanto mais se chegavam para o centro, situou-se mais acima, em algumas 5 ou 6 paragens, como foram a Cachoeira, o Pau-Grande, Santa Rita, Curral de Meias, São Joaquim e o Lago de Patá. Seguiram-se à sua imitação os padres das Mercês, os religiosos do Carmo, jesuítas e os seculares.

Sete foram as fazendas de gado que na ilha tiveram os jesuítas: quatro no Arari e três no Marajó-guaçu. Das sete fazendas, considerarei as que tinham no Arari, em primeiro lugar, a saber: a primeira, rio acima, é a<sup>73</sup> fazenda de Nossa Senhora dos Remédios, em que foi contemplado o mestre-de-campo José Miguel Aires, hoje de<sup>74</sup> seu filho Antônio Miguel Aires. A segunda, no igarapé São José, em que foi contemplado o defunto José Correia de Lacerda; a terceira, a do Menino Jesus, a do rio Mari, à esquerda, em que foi contemplado o sargento-mor da praça, João Batista de Oliveira, hoje de seu genro o alferes Antônio José Lima; quarta, a fazenda da boca do lago Santo Inácio, em que foi contemplado o sargento-mor da cidade, Manoel José Henriques de Lima, hoje de seu genro, sargento-mor de auxiliares, Carlos Gemaque. Além destas quatro, farei menção dos dous retiros, como chamavam, isto é, duas fazendas de beneficiar gado: um nas cabeceiras do lago Nanatuba, em que foi contemplado o coronel Miguel Joaquim Pereira de Souza Feio, e outra nas cabeceiras do rio Anajás, que deságua no Arari, na contemplação do sargento-mor José Pedro da Costa Souto Maior. Quanto às três de Marajó-guaçu, na<sup>75</sup> São Brás, contemplou-se João Falcato da Silva; na de São Francisco, o<sup>76</sup> sargento-mor Domingos Pereira de Moraes, na do Rosário, o alferes Francisco da Costa Almeida da Silva, hoje de sua mulher, Dona Ana Felícia de Queirós, que já acima disse que casou segunda vez. Não falo da fazenda de Santa Ana, entre as que possuem na ilha os religiosos das Mercês,

<sup>71</sup> “Definadas” é variante de definhadas.

<sup>72</sup> “Arrate” por arráteis, plural da unidade de medida de peso “arrátel”, correspondente a 459 gramas ou 16 onças. Aqui está evidente a que foi feita a transcrição da palavra usada pelo informante, visto que falta a concordância flexional, cujo plural já está marcado no numeral, processo natural na língua portuguesa.

<sup>73</sup> B omite “a”.

<sup>74</sup> B omite “de”.

<sup>75</sup> B acrescenta “de”.

<sup>76</sup> A: “Fazda o”; B: “dá o”.



porque só consta de olarias, roças e não tem gado. Acima do rio Arari, um bom espaço para a direita, tem a fazenda de gado de São Jerônimo. Seguem-se adiante do mesmo lado a de São João e de Nossa Senhora das Mercês, que é fazenda grande. Antes do lago, para o lado esquerdo, a de São Pedro Nolasco e, no mesmo lago, a fazenda grande de São Miguel. Nas cabeceiras do rio Guaiapi, que desemboca no Arari, a de São José, no rio Paracauari, rio acima, à direita, as duas de São Lourenço e Santo André; mais dous retiros: o de Santa<sup>77</sup> Ana e o outro do lago do Guajará. Estas são as que existem porque para as fazerem maiores, incorporaram com elas as terras das 7 que demoliram. A saber: a que herdaram de Manoel Alves Rosa, a do Cururu, a de Santa Maria do Socorro, a do Menino Jesus, a de Santo Antônio, a das Almas e a da Conceição, da banda de São Pedro Nolasco. A que tinham no Murtucu,<sup>78</sup> já a venderam a Custódio da Silva.

Os que menos fazendas têm na ilha são os carmelitas. Das cinco que possuíam, ainda conservam quatro: a fazenda da Assunção, no rio Camará; a de São Miguel, em um braço do mesmo rio chamado Jutubá, e outra, perto desta, chamada Aturiá. A que tinham com o nome de Santa Maria, já a venderam.

Ajuntando às sobreditas fazendas<sup>79</sup> as outras mais dos particulares, que todas montam acima de cento e tantas, fica sendo infinita a soma de cabeças de gado vacum e cavalari que deve produzir a ilha, mas produz ela tantas como pode produzir? Para resolução deste problema, eu junto ao meu papel a cópia do resumo da quantidade de gado vacum e cavalari pertencente ao dízimo<sup>80</sup> que ao Exmo. Sr. Martinho de Souza e Albuquerque apresentou o inspetor geral. Parece que é a diferença bem notável a que tem o oitavo triano, à vista do primeiro deste mapa; de modo que, no primeiro triano a soma total de gado vacum, entre bois e vacas, não passa de 63.255 cabeças; a do oitavo triano montou a 102.337; a do gado cavalari, entre cavalos e éguas, no primeiro triano não passava de 5.018; a do oitavo triano montou 17.352.

Quem viu algum dia a Ilha Grande, quando a Sua Majestade se representava que eram nela tão numerosas as cabeças de gado que, salgadas que fossem as suas carnes e, remetidas em barris, tiraria delas Sua Majestade as provisões das armadas. Quem vê a fertilidade das terras e fecundidade dos animais de todas as classes não pode suspender a admiração que causa o que depois sucedeu. Chegou-se a termos de não haver quase gado algum; enquanto o havia de abundância, até era divertimento passar-se do Pará ao Marajó e, em havendo pólvora e bala, durava tanto a caça das reses quanto a munição. Morta a rês o de que<sup>81</sup> se tratava era de lhe tirar o couro. Ficavam as carnes pelos campos para pastos dos corvos. Os proprietários das fazendas indiscriminadamente matavam os vitelos e vitelas. Persuadiu-se o administrador da fazenda das Mercês do Arari, que aos padres se tomavam as fazendas e para lançar mão do gado, furiosamente entrou a matar vacas, sem deixar recurso à multiplicação. O tempo, enfim, que se devia empregar em aumentar as fazendas começadas foi preciso consumir-se depois em as restabelecer.

Sentiu de tal modo a cidade do Pará as conseqüências destas desordens, que foi o capitão-general obrigado a remediá-las. Deram-se as providências precisas, e delas são fruto a conservação do gado que presentemente há e a esperança do que pode haver. É verdade que influem muito na multiplicação anual dos filhos e conservação dos pais as mudanças dos anos, nas respectivas estações. Se duram muito as secas do verão, como durou esta, morre então infinito gado. O que pasta nos sertões das ilhas tem sempre pasto, mas morre a sede, porque secam alguns braços e lagos; o que tem água nos rios não tem pasto nas beiradas e morre a fome. Uns e outros, cansados de longas marchas, em diligência, ou de água, os que vêm do sertão, ou de pasto, os que andam nas

<sup>77</sup> B: “o de S. o de Sta” por “o de Santa”.

<sup>78</sup> B: “Murtutucá” por “Murtucu”. A palavra deve ser “Murturucu”.

<sup>79</sup> B omite “fazendas”.

<sup>80</sup> Esta expressão “pertencente ao dízimo” está rasurada em A.

<sup>81</sup> B: “e do que” por “o de que”.



beiradas, apenas entram nos rios, morrem neles atolados no tijuco. Vêm sequiosos, como disse, bebem imediatamente a água da beirada [que] está enlodada em tijuco, e passam a procurá-la mais para a corrente, atolam-se no tijuco até cima<sup>82</sup> constipam-se. Não há ali logo quem os salve. Assim morrem muitas reses, cavalos. Assim vi eu desde a fazenda do Arari, onde estive [a]té o lago do rio para cima de vinte e tantas mortas.

Eis aqui agora adonde tiram os proprietários a maior parte das carnes secas que vendem por 1.000 réis a arroba.<sup>83</sup> Aproveitam-se depois dos couros e tudo entra na conta das carnes que remetem para a cidade. Outra cousa é certa, que para o açougue desta mesma<sup>84</sup> embarca ainda do Marajó o gado preciso. Nem o que se embarca ordinariamente chega em termos de se matar. Quanto à primeira, dizem-me que na carreira do transporte do gado andavam 14 canoas, três de particulares e onze do contrato. Ao presente, dizem-me que andam 12, a saber: nove do contratador, uma do coronel Manoel Joaquim, outra dos padres das Mercês e a última de Luís Pereira da Cunha. É sem dúvida que a maior canoa dos padres das Mercês embarca até 50 cabeças. A tanto não chegam as canoas ordinárias do açougue. Quando, na cidade, se matam 30 até 36 cabeças, como agora sucede, padece o povo, que não tem outra cousa de que se sustente, nem ainda que a haja, é tão barata<sup>85</sup> como a carne; quanto à segunda, do miserável estado em que chega o gado, eu sou testemunha ocular, porque eu o vi embarcar no Arari; anda pastando o gado pelos campos das fazendas que têm porto em que se embarca a duas, três e mais léguas de distância do tal<sup>86</sup> porto; vão os vaqueiros, nas antevésperas do embarque, escolher, ajuntar e conduzir para os currais do porto as cabeças que andem embarcar. Sequiosas, abafadas e aguilhoadas, chegam ao curral. E se ainda não chegou a canoa, nele se demoram sem comer 1, 2 dias. Sem comer se embarcam na canoa, onde, sem comer,<sup>87</sup> andam 3, 4 dias de viagem,<sup>88</sup> fora os que têm de espera que as matem no açougue. Custa um boi 2.000 réis no Marajó e 2.500; uma vaca, 1.200 ou 1.600; um garrote, 800 réis. Mas cada cabeça que se embarca na canoa do contrato, se bem me lembro, é tomada por 3.000 réis, em consequência do risco. Quanto haveria trabalhado a Holanda neste país sobre o sebo, a manteiga e o queijo!... pois gêneros são estes de que apenas vi aparecerem algumas mostras.

E como não hão de ser férteis estes campos, pelo inverno esterçados com o sedimento das águas que os inundam todos; pelo verão, com as cinzas das queimadas que fazem; além da resolução das folhas secas que passam à terra em um e outro tempo?! [e]strumadas com os esterços de tanto gado, o nitro no meio destas estercarias tem o seu domicílio. O mato, com facilidade floresce. As plantas acham a terra substancial, e o que agora é uma roça, daqui a dous anos é um mato.

Outro gênero na ilha de notável consumo na cidade são as águas ardentes da terra que nela se fazem. Nas tais águas ardentes consomem a cana toda que plantam e enchem a boca os proprietários de senhores de engenho,<sup>89</sup> não sendo mais que de engenhocas, que nem engenhocas são, em comparação das da Bahia.<sup>90</sup> Até é vergonha dizer-se que em terras aonde se planta a cana não há um arrate<sup>91</sup> de açúcar que não seja comprado na cidade. Tudo produz a ilha, Sr. Exmo., nas terras apropriadas a cada planta. Tenho visto anil de altura de duas varas<sup>92</sup>

<sup>82</sup> “Até cima” = além disso.

<sup>83</sup> Arroba, s. f., era um antigo peso de 32 arráteis ou de um quarto e quintal, igual a 14,688 kg. Atualmente arredonda-se para 15 kg.

<sup>84</sup> Mesma ou maneira?

<sup>85</sup> B: “bararata” por “barata”.

<sup>86</sup> B omite “tal”.

<sup>87</sup> B corrige A, que registra “comerem” por “comer”.

<sup>88</sup> B acrescenta “e”.

<sup>89</sup> “de senhores de engenho” = “dizendo-se senhores de engenho”.

<sup>90</sup> “das da Bahia” = “com as da Bahia”.

<sup>91</sup> B: “arrátel” por “arrate”, que é forma popular de arrátel, antigo peso de 16 onças ou 459,5 gramas. Equivale a uma libra.

<sup>92</sup> Vara é antiga medida de comprimento equivalente a 1,10 m.



pelo mato, mas ninguém o cultivava. Dá-se bem e muito bem o arroz, que já falei em outra parte. O algodão, o cacau e o café; o urucu, o tabaco. De todos estes gêneros, a agricultura do país, quando muito, o que apresenta são algumas amostras. Para que mais, se a mesma farinha de que se sustentam, é plantada sem mais custo que o seguinte: queimam o mato e ficam na terra as raízes das árvores e ainda estacas das mesmas. Por entre estas estacas, enterram no terreno duro a estaca de maniba e está plantada. Ora, quem sabe, como eles, que o que se quer desta planta são as raízes, sabe também que quanto mais movida for a terra e suficientemente solta ao plantar em covas, como se faz na Bahia, menos obstáculos encontrarão as raízes para crescerem em todas as suas dimensões e fazer-se, por conseguinte, mais copiosa a colheita. Sem embargo disso, há curiosos de experiências que plantam o cominho, gerzelim, de que tiram o azeite com que fregem peixe; e de uma árvore chamada pau de breu<sup>93</sup> recolhem os moradores de Ponta de Pedra no rio Atuaá o chamado breu, que vai para a Tesouraria dos índios e, na cidade, vende a arroba por 640. Só nas fazendas dos curiosos se acha alguma couve, repolho e poucas outras hortaliças.

Nadam nos rios infinitos peixes-boi(s) e pirarucus, pirauíbas, arauanas, dourados, pescadas, mandubis, apaiaris, traíras, jejus, acarás, serapós, tamoatás, piraponis, piranhas,<sup>94</sup> poraquês, aracus, corimatás, tucunarés, anajás, jacundás, fora os jabotins, tracajás, mossuans<sup>95</sup> (são cágados) e tartarugas. Nas outras classes de animais, como na dos quadrúpe[de]s, tem infinitos morcegos, símias de muitas castas, tatus, tamanduás, preguiças,<sup>96</sup> quatis, quati-poru, mucuras, raposas, onças, porcos bravos e porcos de espinho, antas, capivaras, ouriços, periaás, cutias, pacas, veados, lontras etc. Entre as aves, são notáveis: o tijuju, jaburu, maguari, urubus negros, urubus tingas, as corujas, mouchos, corvos, papagaios, periquitos, araras, tucanos, aracarís e de papo branco e encarnado; as marandubeiras, amanaciras, tem-tem, guarás, jacamins, mutuns, anuns, anumás, imensos gaviões e pássaros pequenos, como beija-flores, tiê-pirangas, cardeais, gaturamas, sanhaços, viúvas-do-brasil etc. Os anfíbios são os maiores as cobras surucuju, jibóia e o jacaré, a que acompanham outros lagartos. Insetos e vermes são as pragas do país.

Tais são as produções que pude observar, de passagem, pelo espaço de 23 dias que estivemos na Ilha Grande, demorando-nos somente na vila de Monforte e na fazenda do Arari. Consumiram-se em viagens enfadonhas pela costa, pelo rio Arari e daí volta os dias que restam para completar os que contamos desde 7 de novembro, que embarcamos para Monforte, até 10 de dezembro, que desembarcamos no Pará. Não deixei de notar a perspectiva da vila de Monforte pelo seu exterior, assim como a olhei pelo seu físico. Está situada sobre a costa e olha para o canal da cidade. Nele observa os navios que demandam o porto do Pará e, da vila, expede o comandante uma canoa de aviso ao general, dando-lhe parte do lugar em que descobre o navio, do seu tamanho e o mais que pode observar. Conta, por todas, 700 almas. Dá os índios precisos para o contrato do pescueiro real que tem ao pé, onde se pescam infinitas tainhas, além das gorujubas e mais peixes da costa. Os índios desta vila são geralmente tidos por mui forçosos, industriosos e trabalhadores; mas têm sido tantas as portarias a tirar os índios da vila para serviços particulares, tão penoso o trabalho do pescueiro que leva quase os homens capazes de trabalho da vila, que não mentirei se disser que nem tempo têm para do pescueiro virem à vila a levantar as suas choupanas caídas, para cuidarem das suas roças. As doenças não são muitas, nem as que há passam, pela maior parte, de constipações. Ainda pelas outras partes da ilha reinam particularmente as doenças inflamatórias, com as mais que resultam da atmosfera quente e úmida diariamente. Os índios também

<sup>93</sup> B: “beru” por “breu”.

<sup>94</sup> B: “pirenhas” por “piranhas”.

<sup>95</sup> B: “mossians” por “mossuans”.

<sup>96</sup> No manuscrito está “perguissas” por “preguiças”.



não sabem, nem alguém os ensina a corrigir de algum modo os defeitos naturais do clima, e ainda que o soubessem, não podem agora cobrir as suas choupanas tão baixas e rentes com a terra úmida e no inverno alagada, quanto mais levantar as choupanas, assoalhá-las e prevenir por outros muitos modos a podridão. Estou em dizer, Sr. Exmo., que mais escravos ficaram os índios depois de declarada a sua liberdade do que antes da declaração. O senhor do índio zelava na sua vida o seu dinheiro; hoje não importa que adoença, que morra, que estoure de trabalho, porque nisso dele trabalhar, ganha o contratador, o diretor, o juiz etc.; de ele morrer, ninguém perde, pois vem outro, e quem perde hoje um, amanhã outro, é Sua Majestade, que nem conserva as vilas, nem, até ao presente, experimenta as utilidades que há muito deviam ter resultado dos seus muito altos desígnios.

Concluirei esta representação, que seria infinita a escrever tudo o que observei, dando a V. Excia. uma sucinta notícia do Arari. É o rio mais complicado, com voltas e rodeios que espero ver, de modo que, para de sua boca subir-se ao lago, é mais o tempo que se gasta em desandar as voltas andadas do que a avançar-se adiante. Pela sua beirada, de uma e outra partes, estão citas muitas roças e engenhocas de açúcar para as águas ardentes que tiram e fazendas de gado vacum e cavalari. É galante a história, digo, a teoria do rio que ouvi a um índio, sendo perguntado pela razão daquelas voltas e, portanto a escrevo:

A ilha, no seu princípio, diz ele, não tinha estes rios. Mas tinha, pela terra dentro, infinitas cobras. Estas, obrigadas das secas, corriam do centro para a costa a buscar a água. No caminho que faziam de rastos pela terra, deixavam, com o peso e grandeza dos corpos, impressas nela as suas figuras, assim mesmo tortuosas e implicadas em torcicolos, como elas são. Caíram as águas das chuvas sobre este rasto que achavam feito e, no seu princípio, abriram regatos. Engrossaram depois os regatos e ficou sendo o total, o grande rio, o que não fora no princípio mais que um regato da grossura de uma grande cobra.

Tenho dito em outra parte quais são os rios que desembocam neste e qual a situação da sua boca a respeito da cidade do Pará. É bastantemente largo à entrada, e estreita depois; mas nunca tanto que por ele deixem de navegar as maiores canoas de gado.<sup>97</sup> Recebe as marés da costa até junto ao lago ou ao mesmo lago, aonde são menos sensíveis. Todo o seu fundo, por baixo, desde São Pedro Nolasco para cima é tijuco. Monta, com as enchentes das águas acima das terras, e vai [a]tingir os tocos de paus e troncos das árvores da beirada. Quando principia a chover, as águas do rio Anajás, que desemboca no Arari, em vez de buscarem a boca deste rio, sobem para o seu lago a inundá-lo, e só depois de superabundar bem a água é que, incorporado com o Arari, desce o Anajás, o que procede de ser mais rebaixada a terra para o lago. Já da fazenda de Nossa Senhora das Mercês para baixo, algum pedregulho se encontra tinto de ferro e argila corada diversamente, da qual fazem as panelas e potes, e outros vasos grosseiros. A cachoeira que tem no sítio em que está a igreja matriz e a chamada Cachoeirinha, não passam de um fundo de pedras um pouco mais levantadas, que a maré basta para as cobrir suficientissimamente, quanto mais fácil é navegar rio acima, quanto mais dificultoso rio abaixo. Para cima, sempre o vento serve, junto com a enchente da maré que esperam; para baixo, sempre está pela proa o vento, que ainda que vazem as águas, sempre as agita para cima com<sup>98</sup> violência tal [que] sempre custa a ser vencida pela violência dos remos; remos então que são umas pequenas pás, segundo o uso do Estado, porque, com efeito, a maior parte dos fundos, por serem baixos, não admitem remos de boga.<sup>99</sup> O tempo que de ordinário se

<sup>97</sup> Lembre-se de que havia “canoas” que transportavam até 50 cabeças de gado!...

<sup>98</sup> B acrescenta “a”.

<sup>99</sup> São remos em forma de V ou de Y, como mostram os desenhos do peixe que leva este nome.



gasta em subir da boca ao largo do seu lago é o de quatro marés. Quem sobe em três tem forçado muito a vela e o remo em canoa ligeira e bem esquipada. A boca e o lago, ambos demoram a leste. O lago, no tempo do verão, tem boa légua e meia de largo. É a perspectiva mais galante que os olhos humanos podem ver, porque as árvores em roda não são árvores, mas viveiros de infinitos jaburus, tijujus, guarases, maguaris, patos. No inverno, é um oceano, por toda a parte que se olha. Faltam as forças, Sr. Exmo., que têm as tábuas de Holanda<sup>100</sup> para sustentarem<sup>101</sup> os mares imensos, quanto mais as águas de uns rios. Os cortes, nesta ilha, são mui necessários aos progressos da agricultura. Onde as águas devem ter escoante, não a têm. Os lugares para onde se devem conduzir, estão secos. À vista do exposto, V. Excia. ordenará o que for servido.

*Alexandre Rodrigues Ferreira*



---

<sup>100</sup> Trata-se dos diques que, nos Países Baixos, impedem o avanço do mar.

<sup>101</sup> B: “sustentar” por “sustentarem”.

